CANTO TERCEIRO

CANTO TERCEIRO

I

Passa na altura o sol, passam os dias,
Move-se a terra, os mares se balançam,
As gerações e os tempos se renovam,
Murcham na fronte virginal as flores,
O simoum no deserto, e a sombra, e a nuvem,
O vento na roseira, e a rosa na agua,
As nenufares na corrente, e a espuma,
Pelas faces a lagrima, e nos labios
O sorriso e a alegria... tudo passa,
Só de Paulino as dores cruas jazem!

Passou a feia tempestade; o vento
Os medonhos bulcões irado leva,
Torna a serena luz, cáe na memoria

D'aquella noite horrivel o phantasma,
E como se ha formado assim se ausenta,
Só não se ausenta, só não desparece
A gangrena moral, a seta buida
Do insano amor que os dias lhe envenena!
Em vão consolações, em vão motivos
De distraír-se, de espalhar tristezas
Pelos passeios, pelos theatros busca!
Já duas vezes a comedia e os toiros
(Oh caso virgem nos annaes do avaro!)
Foi vêr!... dinheiro com rasão chorado!
Já no seu quarto se enclausura e os olhos
Avidos lança ás refulgentes peças
Que d'um caixote ferreo extráe a medo.
Que bonitas que são! que luz aquella
Que de si lançam quando o sol as fere!
E quando acertam de tinir, que doce!
Até parece que de alegres falam!
Mas ai! dinheiro acaso males cura,
Males de amor que só amor abranda?
Inutil prespectiva! Os proprios livros
Chamados *da rasão*, esses que os olhos
Gostosos lhe attraíam n'outro tempo,
Horas e horas em sereno extasis,
Livros que sabe já de cór, de tanto

Estal-os a mirar e a vêr-se n'elles,
Sagrados documentos, onde a lista
Dos devedores e ao lado a verba
Jazem dispostas com engenho artistico,
Os proprios livros, seu antigo enlevo,
Percorre com desdem! frustrado é tudo!
Onde pharmacopea milagrosa,
Onde Esculapio assás experiente
Que de remedio males taes proveja?
Tudo no mundo transitorio passa,
Só de Paulino as sevas dores ficam!

II

Um dia, manhã cedo, infernal dia
De angustias, pôz em si Paulino os olhos,
E no ventre attentou com mais cuidado.
Iam-lhe abaixo do quadril os coses
Das largas pantalonas; o colete
Já como d'antes não lhe acertuava,
E viu que a pouco e pouco o vasto abdomen
Perdia de volume um tanto, ou quanto!
De tal impressionado a si pergunta:

«Para onde te foi, Paulino, a alegre,

Mimosa côr de tuas roseas faces?
Que é feito d'essa herculea antiga força
Com que um pote de azeite ao alto erguias?
E o teu arqueado ventre e o teu socego
E a alegria de outr'ora e o ocio manso
Em que os dias da vida ías passando?
O Cupido fatal, fatal magano,
Que eu não possa abjurar tuas leis severas!
Que eu não possa calcar-te aos pés em raiva,
Morder-te e esbordoar-te o imbelle corpo!
Não posso?! Por ventura me falecem
Forças para luctar c'o sentimento,
Para vencer-me e restituir-me á calma?
Acaso se extinguiu dos Segisbertos
A valentia e a proverbial prosapia?
Com cincoenta janeiros bem puxados,
Com os rigores de uma vida austera,
Com fome e frio e guerra e dura inveja,
Pude á lucta cruel aperceber-me,
Sempre cheio de gloria, e n'este lance
Em que se empenha contra mim um cego,
Um imbecil ninguem, fragil creança,
Ha-de na brecha fraquear-me o animo?
Olha por ti e pela sombra honrada
De teus maiores; olha o teu decóro!

Se a um puro amor te desses e tranquillo
No regaço de Venus te encostasses,
Que diriam de ti as linguas perfidas
D'essa cafila ingloria de tortulhos
Que vegetam por hi a cada esquina?
Os proprios ossos de teu pae na campa
De horror por certo rangeriam pavidos!
E tantos devedores que se agrupam
Em volta d'esta casa, manhã cedo,
Que respeitos e attenções para o futuro,
Dariam ao teu oiro e ao alto merito
De tua nobre e grave personagem?
E esse tropel de nescios invejosos,
E os perdularios, essa immunda mescla
De zangãos, de perversos, de farçantes,
De valdevinos, que sorrisos flecham
Ao sol que se levanta e logo escarneos
Jogam, mal que se põe? Raça de fortes,
Valentes capitães, bravos soldados
Gira em teu sangue e tremes d'um menino
Que mal sustenta de um carcaz o peso?
Com sancta abstinencia tantos annos
De sevas manhas triumphaste, sempre
A seus ardis fugiste e titubias
Agora que mais podes, quando rico?

O teu largo thesoiro, os teus dinheiros
Amontoados com suor e á custa
De largas privações, trabalhos improbos,
Os teus penhores, tuas graves peças
Acasteladas n'esse arcaz bojudo,
Tanta riqueza juncta, e esqueces tudo?
Deixas o sacerdocio, em que és antiste,
Deixas o culto da tua hostia de oiro
Hostia de oiro e de amor e de ventura,
Aquella hostia sancta, em cujas aras
Teus cuidados, teus onhos, teus anhelos,
Tua gloria, teu preito, alivio e tudo
Sacrificas perenne! Que demencia
Teu affecto purissimo e teu culto
Faz que interrompas n'estes dias, quando
Ás tuas plantas cáe o mundo em peso?
Não vês como se apinham ás tuas portas
Entrando de tropel grossos talheres,
De luzidia prata, e ricas telas,
Aureos cordões, e castiçaes, e lustres,
E relogios preciosos, louça e sedas,
E novos mil penhores de valia,
Com que a fortuna te enrique o cofre!
E em tal hora de jubilo te entregas
Ás tristuras do amor! Accorda, ingrato!